

Maria

Bueno

A SANTA DE CURITIBA

Texto de João Luiz Fiani

Personagens

- ATOR
- REPÓRTER
- DONA MARIANA
 - DELEGADO
 - MARIA ROSA
- MARIA BUENO JOVEM
 - PADRE
 - DINIZ
 - ALICE
 - MARIA
 - MARIO
 - VICENTE
- PRISIONEIRO
 - MOÇA
- PROMOTOR
- ADVOGADO
 - ARTHUR
 - JOANA
 - ESTELA
 - AMIGA

Com a cortina fechada. Entra um ator. Vai até o meio do proscênio e fala.

PRÓLOGO

ATOR – Ao longo de tantos anos, tantas mentiras e tantas verdades construíram um mito! Um mito chamado Maria Bueno. Hoje o que temos é um eterno ponto de interrogação. Em que momento a verdade será estabelecida? Será que um dia conheceremos a verdade? As histórias enganosas e sensacionalistas determinaram o que se pensa e o que se diz nos dias de hoje sobre a santa de Curitiba. A atualidade e o vertiginoso crescimento da comunicação engolem o passado de uma forma cruel. Constrói-se a mentira, como se fosse verdade! E a verdade como se fosse mentira! Se hoje o preconceito é um dos temas recorrentes em nossa sociedade, o que diremos em 1890? Onde a liberdade estava atrelada aos costumes de uma época repressora. Maria Bueno cresceu num mundo masculino. Onde qualquer pensamento feminista, por menor que fosse, era motivo de desprezo e falatório. Uns dizem que ela era uma mulher de vida fácil. Prostituta para alguns... Vulgar para outros... Mas será que era mesmo? Ou os pensamentos e a posição dela perante a vida e ao mundo, fosse à frente demais do seu tempo! Esse espetáculo é uma simples reflexão sobre os fatos que chegaram até nós. Não queremos propor a verdade... Queremos propor a reflexão... Uma mulher de vida fácil? Ou uma santa Curitibana? Ou apenas a vida de uma mulher. Uma mulher que ousou pensar e contestar um mundo masculino.

Abre a cortina. Vemos um corpo coberto com um pano branco. Entra uma senhora, Dona Mariana, vai até o corpo, tira seu xale e coloca debaixo da cabeça dela. Depois outra mulher coloca uma vela ao lado. Musica triste.

CENA 1

Num silêncio angustiante e profundo
Na madrugada da cidade
Um sujeito cruel e imundo
De tamanha atrocidade!

Um janeiro marcante sofrido
O ano 1893
Uma morte doída
E dor assim se fez!

Criatura malvada
Num gesto fatal
Garganta cortada
De maneira mortal

O vermelho profundo escorria
Num rio de dor
Uma terrível sangria

Triste e estarrecedor

Morre Maria,
Um espírito iluminado
De amor e esperança
Pobre Maria
Um destino traçado!

Levam o corpo ao fina da música. Um repórter dirige-se a plateia.

CENA 2

REPÓRTER – No dia 30 de janeiro de 1893, foi encontrada morta, no prolongamento da rua 15 de novembro, na rua Campos Gerais, o corpo de uma mulher, identificada como Maria da Conceição Bueno. A cabeça da mulher, quase foi arrancada com a tremenda força do golpe. No rosto e nas mãos, muitos cortes, feitos com a lâmina afiada. O assassino demonstrou muito ódio pela pobre mulher, devido à violência e crueldade dos golpes. A polícia ainda não tem esclarecimentos detalhados acerca deste terrível assassinato. Mas, nós do seu Diário do Comércio, ficaremos atentos, para levar aos nossos leitores, tudo a cerca desse lamentável e pavoroso crime. O maior até hoje acontecido na nossa Curitiba. O pior crime de nossa cidade... O mais violento já visto até hoje. Nunca um crime tão bárbaro!

Delegacia. Dona Mariana conversa com as autoridades.

CENA 3

MARIANA – (Visivelmente emocionada) A cabeça dela quase foi separada do corpo...
Minha menina...

DELEGADO – Calma por favor! Dona Mariana, não pense nisso. Não agora. Nesse momento a senhora precisa se acalmar, para que seu depoimento possa realmente ajudar a encontrar o assassino! A senhora pode ajudar a se fazer justiça!

MARIANA – Pobre menina!

DELEGADO – Preciso que a senhora se acalme... Quer um copo d'água? (Ela diz que não) Vamos conversar. A senhora poderia contar o que aconteceu na noite de ontem. Com calma por favor.

MARIANA – Estava com Maria em casa! Conversamos muito... A gente adorava conversar! Era uma menina muito alegre. Feliz apesar de tudo o que sofreu. Aí depois que tomamos o chimarrão, bateram na janela...

DELEGADO – Quem era?

MARIANA – Quem era?

DELEGADO – Pode dizer dona Mariana...

MARIANA – O Diniz...

DELEGADO – Diniz... Sim e aí? Ela falou com ele?

MARIANA – Mas ela não abriu.

DELEGADO – Ela não abriu a janela?

MARIANA – Não!

DELEGADO – Mas ele não era o namorado dela!

MARIANA – Não eram mais!

DELEGADO – Não estavam mais juntos?

MARIANA – Não!

DELEGADO – Mas... Porque não abriram a janela?

MARIANA – Não queria falar com ele... Ele era muito nervoso. Ciumento ao extremo!

DELEGADO – Violento?

MARIANA – (Silêncio)

DELEGADO – Ele era violento com ela dona Mariana?

MARIANA – Sim.

DELEGADO – Hoje pela manhã... Algumas pessoas ouviram a senhora dizendo que o assassino era o Anspeçada Ignácio Diniz...

MARIANA – ...

DELEGADO – Dona Mariana... As pessoas ouviram a senhora gritando o nome do Diniz! Então a senhora acha que foi ele?

MARIANA – Prefiro não falar...

DELEGADO – A fama da moça não era das melhores. Disseram que ela gostava de uma festa!

MARIANA – Mentira... Ela estava noiva!

DELEGADO – Noiva?

MARIANA – O senhor Artur de Lara... Família de Morretes.

DELEGADO – Mas onde anda esse moço?

MARIANA – Ele sumiu...

DELEGADO – Sumiu?

MARIANA – Sim...

DELEGADO – Será que sumiu por causa da Maria!

MARIANA – Não! Eles se gostavam...

DELEGADO – Eram noivos... Estavam com o casamento marcado?

MARIANA – Sim... A família dele adorava Maria... Sabe... Eles.... Passaram o natal juntos! Depois passearam no Passeio Público e foram à Catedral.

DELEGADO – Dona Mariana... A senhora acha que quem matou Maria da Conceição Bueno foi o senhor Diniz... Não acha?

MARIANA – (Fica em silêncio)

DELEGADO – Acha que foi ele não?

MARIANA – Posso ir embora Doutor?

DELEGADO – A senhora não quer falar o que está pensando?

MARIANA – Só me deixa ir embora!

DELEGADO – Não quer dizer?

MARIANA – Ela saiu depois com ele... Diniz não deu sossego! Os dois saíram...

DELEGADO – Muito bem Dona Mariana... E o que aconteceu depois?

MARIANA – De manhã cedo, minha vizinha me chamou gritando que Maria estava morta...

DELEGADO – Então, a última pessoa que a senhora viu com Maria, foi o anspeçada Diniz?

MARIANA – Sim... Mas doutor, não fala que disse isso.

DELEGADO – Está bem...

MARIANA – Ele é mau! Vingativo! Os amigos do quartel morrem de medo dele.

DELEGADO – Fique tranquila dona Mariana....

MARIANA – Está bem... Posso ir?

DELEGADO – Pode ir sim. Qualquer coisa eu mando chama-la! (Ela sai) É claro que foi esse monstro. Matar uma mulher desse jeito. Isso não é normal. Ignácio Diniz... Eu vou colocar você atrás das grades!

A Jovem Maria Bueno entra em cena com sua irmã Maria Rosa, estão de luto.

CENA 4

MARIA ROSA – Maria da Conceição, agora chega de chorar... Nossa mãe morreu, mas a vida continua. Para com isso!

MARIA BUENO – Está doendo!

ROSA – Chega menina!

MARIA – Minha mãe... Meu coração...

ROSA – Para de chorar. Chega! Estou cansada de você!

MARIA – Mas estou com saudade! Minha mãe era tudo pra mim... Morreu tão de repente.

ROSA – Essa é a primeira punhalada que você leva da vida. E vão ser várias... Várias punhaladas, menina!

MARIA – Não seja cruel comigo! Eu sinto falta da minha mãezinha...

ROSA – A saudade deve ficar dentro de você...

MARIA – Essa saudade nunca vai acabar...

ROSA – Escuta: você tem que me obedecer.

MARIA – Porque você está falando assim comigo?

ROSA – Pra deixar as coisas claras menina!

MARIA – (Abraçando a imagem de Nossa Senhora da Conceição) Mamãe acabou de ser enterrada e você está me tratando mal!

ROSA – Cala a boca! Eu mando aqui! Coloca essa imagem ali...

MARIA – Essa imagem foi a mãe que me deu!

ROSA – Ela está morta! Enterrada! E você tem que me obedecer!

MARIA – Mas estou ouvindo. O que você quer que eu faça?

ROSA – A mãe já foi enterrada há três dias. E você fica aí, abraçada a essa imagem. Não come e não dorme. Só chora!

MARIA – Você prometeu para mãe que cuidaria de mim!

ROSA – (Pega uma vareta e bate nela) Vamos! Agora chega!

MARIA – Dói...

ROSA – Vai doer muito mais se não me obedecer... Levanta!

MARIA – Ai Rosa!

ROSA – Anda! Estou mandando! (Puxa ela pelo cabelo) Agora pega a vassoura e vai limpar a casa. Quero tudo limpo! (Bate nela)

MARIA – Ai... Doeu? Vai doer ainda mais..

ROSA – Cala a boca...

MARIA – Porque você está fazendo isso comigo Rosa?

ROSA – Porque não suporto você! Nunca suportei.

MARIA – Mas o que eu te fiz...

ROSA – Você existe! E só o fato de você existir é o suficiente pra te odiar... Pena que papai não te matou quando você nasceu!

MARIA – O que você está dizendo Rosa?

ROSA – Isso que você ouviu...

MARIA – Você está mentindo...

ROSA – Quer saber a verdade? Tem certeza? Eu te conto!

MARIA – É mentira!

ROSA – Não! Não é mentira!

MARIA – Ele quis me matar? Meu pai?

ROSA – Fica quieta. Quieta que eu te conto! Papai queria um filho homem... Ele não aguentava mais mulheres na família! Ele achou que quando mamãe engravidou, finalmente teria um menino! Nunca vi meu pai tão feliz! Foram nove meses de alegria. Ele fazendo planos para o menino que estava chegando. Contava para todo mundo que o herdeiro dele estava vindo! E aí chegou o dia! O dia que ele teve a pior notícia da vida... No dia que você nasceu, papai teve a maior decepção da vida dele... Não suportou a dor. Um grito doído saiu do peito dele. Uma dor profunda... Não aguentou nem te olhar!

MARIA – Mentira!

ROSA – Verdade! A pura verdade! Sabe o que ele fez? Na hora que você nasceu, olhou no meio das suas pernas e deu o grito mais pavoroso que já se ouviu em todo o mundo! Achamos que ele ia morrer! Pobre papai! Você decepcionou o pobre homem! Saiu de casa arrasado! E por sua causa! Por sua causa! Perambulou por dias... Bebeu muito! Ele bebeu muito desde o momento que você nasceu!

MARIA – Porque está me contando isso Rosa?

ROSA – Porque você matou meu pai...

MARIA – Eu não fiz nada!

ROSA – E... Por raiva de ter vindo você ao mundo! E tentou te matar... Esperou mamãe sair... Pegou uma faca e foi ao quarto. O ódio era mortal... Ele estava pronto para acabar com você, mas alguma coisa derrubou ele no chão. Todos vimos um clarão e um forte estrondo que jogou papai longe! Nunca entendemos o que aconteceu... Mas todos sabíamos que você não prestava! Naquele momento tivemos certeza! Você é uma bruxa... Você é uma bruxa... Maria da Conceição Bueno!

Cresce a música. A luz fica sobe Maria Bueno que abraçada a imagem de Nossa senhora da Conceição, canta.

Minha mãezinha amada!
Que do Céu me olha
Eu preciso te falar com o coração
Que de tanta dor chora!

Minha santa mãezinha
Não sei porque razão
Sofrer assim é o que me resta

Sozinha nesse mundo cão
Sem saber pra onde correr
Me salve Nossa Senhora da Conceição

Não sei mais o que fazer
Me salve dessa situação
Minha amada mãe
Mostre o caminho da salvação
Faça meu sorriso enfim voltar!
Não me abandone não!
Que Deus me mostre o lugar
Onde a paz encontra a razão!

CENA 5

No final da música Maria Rosa tira a imagem de Nossa Senhora da Conceição das mãos de MARIA BUENO, que fica arrasada. Todos saem de cena. Ouvem-se sinos. Um Padre se aproxima de Maria Bueno. Vai até ela e a consola.

PADRE – O que você está fazendo na igreja sozinha Maria? Tão cedo!

MARIA – Eu dormi aqui padre...

PADRE – Você está chorando?

MARIA – Padre! (Abraça ele e chora)

PADRE – O que aconteceu minha filha?

MARIA – Eu não estou suportando mais.

PADRE – Se acalme. Tire essa dor do seu coração! Quer se confessar?

MARIA – Quero conversar! Quero conversar com o senhor!

PADRE – O que aconteceu?

MARIA – Não suporto mais padre. Me ajuda! Por favor! Por Deus!

PADRE – Venha. Vamos conversar. Sinto que sua alma está precisando de guarida! O que aconteceu minha filha?

MARIA – Padre, eu perdi tudo na vida. Perdi meu pai, minha família, minha mãe...

PADRE – Eu sei do que você passou Maria da Conceição!

MARIA – O senhor sabe que moro com minha irmã. A única que restou da minha família! Todos se foram. Mas não suportei padre, fugi! Saí de lá.

PADRE – Porque minha filha? Ela é sua irmã!

MARIA – Não padre! Maria Rosa é um monstro!

PADRE – Não diga isso minha filha!

MARIA – Sofro as piores dores da minha vida... Ela me trata como uma escrava! Me bate, me tortura! São mais de 5 anos assim. Vivendo como um bicho! Não me alimento direito. Como restos! Fico num quarto escuro, úmido, sem qualquer conforto! Passo frio à noite. Vivo doente...

PADRE – Vamos até a casa dela!

MARIA – Não! Não quero!

PADRE – Vamos até a casa dela! Vou conversar com ela e colocar Jesus em suas vidas!

MARIA – (Apavorada) Não padre! Não! Não quero mais... Aquela mulher não tem Jesus em seu coração! E nunca vai aceita-lo! Ela é o demônio na terra!

PADRE – Deus tenha compaixão...

MARIA – Padre... Se voltar pra lá, prefiro morrer! Não quero mais viver assim! Quero ir embora daqui. Quero sair de Tamanduá. Não aguento mais ser maltratada pela minha própria irmã. Ela me odeia padre! Me odeia com tamanha força... Me ajude padre! Me ajude nosso senhor!

A música cresce. Um coral vindo de fora, embala o coração de Maria Bueno. Que ajoelha diante da imagem de Jesus Cristo na cruz.

PADRE – Maria da Conceição... Aqui você encontrará um ambiente de paz e meditação! Poderá refletir e entender os caminhos da vida. Ficaré no convento, para desabafar sua alma e pedir proteção, amparo, piedade e justiça! Mas não a justiça dos homens e sim a justiça de Deus. Ficaré um tempo conosco.

MARIA – Obrigado padre... Gostaria de pedir um favor para o senhor... Eu ganhei uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de minha mãe. Ficou na casa de Maria Rosa. Preciso dessa imagem do meu lado... Por favor padre, pegue pra mim! Eu não vou suportar perder o único presente que minha mãezinha me deu!

PADRE – Sim... Vou lá amanhã...

MARIA – Mas não diga que é pra mim... Se não ela me mata!

PADRE – Vou levar uma imagem nova e presenteá-la, trago a sua! Digo que vamos fazer um pequeno museu na igreja! Ela vai aceitar a troca!

MARIA – Obrigado. Espero que ela aceite essa troca... Não vou suportar!

PADRE – Mas porque sua irmã sente esse ódio de você?

MARIA – Minha mãe dizia, que um dia antes de eu nascer, algo especial aconteceu!

PADRE – E isso pode ter despertado ciúme em sua irmã?

MARIA – Era uma noite de lua cheia... O céu sem nenhuma nuvem. Minha mãe foi dormir. Ela não sabia se tinha sido um sonho, ou tudo foi verdade! De repente, um clarão iluminou o quarto, e a virgem Maria apareceu.

PADRE – (Se benze e olha para o céu) Amém...

MARIA – Minha mãe assustada, quase gritou... Mas a Virgem Maria, consolou-a, dizendo quem era. A virgem disse para minha mãe, sorrindo e em todo seu esplendor, que ela estava esperando uma menina! E que a minha missão aqui na terra seria especial! A virgem Maria disse que eu estava reservada para uma grande missão. Que no futuro iria trazer muitos benefícios para meus semelhantes... E eu nasci no dia de Nossa Senhora da Conceição... Por isso o meu nome: MARIA DA CONCEIÇÃO BUENO!

Delegacia. Música vibrante.

CENA 6

DELEGADO – (Fala o nome dela, junto com Maria Bueno) MARIA DA CONCEIÇÃO BUENO... O senhor conhecia?

DINIZ – Que pergunta delegado...

DELEGADO – Responda!

DINIZ – O senhor sabe que eu conhecia!

DELEGADO – Anspeçada Diniz, gostaria que o senhor falasse com mais calma!

DINIZ – Eu falo do jeito que eu tenho que falar! Estou aqui e não sei porque!

DELEGADO – Não sabe? O senhor é suspeito de matar a senhorita Maria Bueno!

DINIZ – Eu acusado de matar aquela mulher? Um oficial do exército brasileiro, suspeito de matar uma prostituta? Uma vadia?

DELEGADO – Eu vou pedir mais uma vez que o senhor mude seu linguajar e fale com calma!

DINIZ – Porque? Vai me prender? Eu não fiz nada! O senhor não tem provas...

DELEGADO – Aonde o senhor estava na hora do crime?

DINIZ – No quartel delegado! Onde é meu lugar! Não perto de vagabundas!

DELEGADO – Isso vamos apurar depois...

DINIZ – O senhor não vai apurar nada! Eu vou embora daqui! E vou agora. Dá licença?

DELEGADO – O Senhor não vai a lugar nenhum...

DINIZ – Vou sim...

DELEGADO – O senhor está detido para averiguações. Isso aqui não é brincadeira! É melhor o senhor se acalmar, se não pode piorar a coisa para seu lado! Sente-se e se acalme! Não estou pedindo!

DINIZ – O que o senhor quer comigo? Eu já disse que não tenho nada a ver com isso!

DELEGADO – Vamos começar de novo senhor Diniz...

DINIZ – Que inferno isso! Acusado de algo que eu não tenho culpa!

DELEGADO – Isso as investigações dirão!

DINIZ – O senhor vai engolir essas palavras!

DELEGADO – O senhor matou MARIA BUENO?

DINIZ – Não!

DELEGADO – O senhor sabia que no corpo de Maria Bueno, existia uma tatuagem?

DINIZ – No corpo de uma mulher? Tatuagem?

DELEGADO – Sim! Tatuagem...

DINIZ – Pelo que sei tatuagem é coisa de marinheiro!

DELEGADO – Ou de loucos!

DINIZ – Loucos e vadias! (Ri) Claro, no corpo de uma prostituta, acredito mesmo que tivesse uma tatuagem!

DELEGADO – Seu nome é Ignácio, José...

DINIZ – Diniz...

DELEGADO – Isso... I... J.. D... Sabia que essas três letras estavam tatuadas perto da virilha da mulher?

DINIZ – Virilha? Nossa! Não sabia!

DELEGADO – Estavam... I de Ignácio! J de José e D de Diniz... Coincidência não?

DINIZ – Sei lá delegado!

DELEGADO – Não sabe? Eu também não! Mas acho que sei quem tatuou essas letras nela! Na verdade, tatuagem muito malfeita! Foi riscada com uma faca, senhor Diniz. Deve ter doído muito na pobre moça!

DINIZ – Eu não tenho nada a ver com a morte dessa vagabunda! Dessa vadia!

DELEGADO – O senhor ficou nervoso...

DINIZ – Claro! Estou sendo acusado de um crime que não cometi!

DELEGADO – O senhor matou MARIA BUENO?

DINIZ – Já disse que não!

DELEGADO – O senhor matou MARIA BUENO?

DINIZ – Não!

DELEGADO – O senhor foi visto com ela na noite do crime!

DINIZ – Mentira! Foi aquela negra safada que disse?

DELEGADO – Não... Ela não disse! Aliás, ela não disse... NADA! Tem muito medo do senhor!

DINIZ – Acho bom que tenha!

DELEGADO – O que disse?

DINIZ – Não tenho nada a ver com isso!

DELEGADO – Vai começar a falar a verdade?

DINIZ – Eu e Maria Bueno tínhamos uma relação sim... Mas não matei essa vadia! Ela saía com outros homens. Não era só comigo! Será que não foi um dos safados que estava com ela no baile? Sim porque nessa noite, ela estava no baile.

DELEGADO – Estamos apurando os fatos...

DINIZ – Apurando!

DELEGADO – O senhor é o único suspeito desse assassinato!

DINIZ – Por favor... Isso é um absurdo!

DELEGADO – Absurdo é deixar o senhor sair daqui enquanto os fatos não forem todos, realmente apurados!

DINIZ – O que o senhor está dizendo!

DELEGADO – Isso mesmo que o senhor está pensando!

DINIZ – Não acredito!

DELEGADO – Guardas... Prendam o senhor Diniz. O senhor está preso pela morte de Maria da Conceição Bueno!

CENA 7

Ele reage. Confusão. É levado preso. Maria Bueno – trazendo nas mãos uma trouxa com suas roupas e a imagem de N. Sra – chega a casa Alice e Mario para trabalhar.

ALICE – Maria, esse é meu marido... Mario!

MARIA – Prazer...

ALICE – Ali é o seu quarto...

MARIA – Muito obrigado!

ALICE – Quer dizer que você vivia com as irmãs Marcelinas do convento?

MARIA – Sim... Depois que saí de minha cidade, fui ajudar as irmãs. Elas me receberam de braços abertos. Eram muito boas para comigo! Me ajudaram muito! Fazia tudo por elas. Foram minha família! Me ensinaram tanto...

ALICE – Tá...

MARIA – Fazia todos os serviços pra elas.

ALICE – Então de limpeza você entende!!

MARIA – Entendo sim senhora!

ALICE – Isso é bom! Quero essa casa sempre muito limpa! Se encontrar uma pequena poeira você não imagina o quanto fico nervosa!

MARIA – Pode ficar tranquila, senhora!

ALICE – Que isso nas suas mãos?

MARIA – Nossa senhora da Conceição!

ALICE – Que imagem feia menina! Joga isso fora! Compre uma nova... Me dá isso aqui...

MARIA – Não por favor! Ganhei de minha mãe...

ALICE – Está bem... Mas deixe lá no seu quarto. Dentro do armário!

MARIA – Aqui está a carta das irmãs para a senhora.

ALICE – Me dá... Agora vai pra dentro! Limpe a cozinha e lave a louça. Quero a louça brilhando. Vai logo menina. Não gosto de moleza!

MARIA – Sim senhora, desculpa!

ALICE – Vai logo! (Maria sai. Ela lê a carta) É com imensa satisfação que recomendamos a essa católica família a senhoria Maria da Conceição Bueno. Uma moça de ótimos princípios e muito prendada. Sua disposição para o trabalho é admirável. Temos muito apreço por Maria da Conceição. Uma excelente pessoa. Gostaríamos que ela continuasse entre nós, mas tivemos que retornar para a Itália, por motivo de trabalhos religiosos. Esperamos que ajudem a essa pobre moça a continuar sua trajetória de fé e de amor ao próximo. Uma moça sofrida que precisa de ajuda. Obrigado. Fiquem com Deus!

MARIO – Parece ser uma boa moça...

ALICE – Parece sim!

MARIO – Que bom alguém para ajudá-la, meu amor.

ALICE – A culpa é dessa princesa que acabou com a escravidão! Não podemos mais ter escravos. Agora é essa bagunça...

MARIO – Calma Alice. É a mudança dos tempos... Vivemos uma outra época à partir de agora, temos que nos acostumar!

ALICE – Sem escravos? Que época será essa! Sempre tivemos negrinhos a nossa volta para fazer tudo! O que vamos fazer?

MARIO – O que todos estão fazendo! Contratando! Pagando pelo serviço!

ALICE – Isso é um absurdo! Pagar para esses negros!

MARIO – Calma mulher... Já arrumamos alguém pra te ajudar...

ALICE – Eu entendi!

MARIO – Essa moça é boa. Vai deixar as coisas em ordem para você ficar tranquila, mulher!

ALICE – Espero que sim!

MARIO – Ela tem uma boa aparência! É bonita, também. Uma bela jovem!

MARIA – Dá licença dona Alice...

ALICE – (Desconfiada olha para Mario que sai reparando em Maria) O que você quer?

MARIA – (Entrando) Não estou achando. A senhora pode me mostrar onde fica o sabão.

ALICE – Eu li a carta que as irmãs mandaram...

MARIA – Sim... Que bom!

ALICE – Você sabe ler Maria?

MARIA – Sei sim senhora!

ALICE – Sabe ler? Nossa! Difícil uma mulher humilde saber ler.

MARIA – Aprendi no convento. Até algumas palavras em italiano elas me ensinaram!

ALICE – E você leu o que as irmãs escreveram para mim?

MARIA – Não! A carta estava fechada, como a senhora recebeu! Porque?

ALICE – Elas disseram que eu devo ser muito rigorosa com você!

MARIA – Comigo?

ALICE – Está surda? Que apesar de ser uma moça religiosa, é bastante impulsiva... Gosta de contestar o serviço.

MARIA – Mas senhora...

ALICE – Está vendo? Já está contestando!

MARIA – Desculpa senhora!

ALICE – Elas também falaram do seu hábito de muita conversa... Conversa com homens...

MARIA – Eu? Elas disseram isso?

ALICE – Sim... Portanto Maria, quero deixar claro, que quem manda aqui sou eu! E que não quero nenhum deslize na sua conduta!

MARIA – A senhora não precisa se preocupar...

ALICE – Fica quieta. Não quero que fale mais nada. À partir de agora, faça somente o seu serviço. E preste atenção: Detesto erros.

MARIA – Sim senhora Dona Alice...

ALICE – E só vou aceitar você nessa casa porque sou religiosa. Caso contrário colocaria você na rua agora!

MARIA – Mas porque?

ALICE – Não faça perguntas. Apenas trabalhe! E a última coisa... Fique longe dos meu filho e do meu marido! Agora saia! Saia!

Música tensa. Dona Mariana está em casa arrumando umas roupas. Chega um soldado para falar com ela.

CENA 8

VICENTE – Oi dona Mariana.

MARIANA – Vicente meu filho... (Abraça ele)

VICENTE – Como a senhora está? Melhor?

MARIANA – Difícil estar bem...

VICENTE – A senhora gostava muito de Maria. Eu entendo!

MARIANA – Era uma boa moça e me ajudava muito com a roupa. Voce sabe que não tenho mais idade pra lavar e passar tanto roupa.

VICENTE – Maria sempre trabalhou muito!

MARIANA – Quer um café?

VICENTE – Não precisa. Não vou demorar. Dona Mariana, o Diniz foi preso!

MARIANA – Ah Deus... Deus ouviu minhas preces!

VICENTE – Ele vai a julgamento...

MARIANA – Vai mofar na cadeia!

VICENTE – Dona Mariana...

MARIANA – Diga meu filho!

VICENTE – Mas no quartel, dizem que a polícia não tem provas! Que são muito superficiais. A arma do crime não foi encontrada... Nada! Todos sabemos o quanto ele é violento! Já matou muitos. É cruel demais. A senhora tem que ficar preparada!

MARIANA – Preparada como?

VICENTE – Dona Mariana, a senhora vai ser convocada pra depor no Julgamento.

MARIANA – Eu?

VICENTE – Sim!

MARIANA – Mas eu falei pro delegado não contar pra ninguém...

VICENTE – Dona Mariana... As coisas não são assim!

MARIANA – Claro que são!

VICENTE – Não... A senhora é testemunha. Vai ter que depor!

MARIANA – Depor?

VICENTE – Sim... Vai ter que ir no tribunal e falar tudo o que a senhora sabe...

MARIANA – Mas ele vai me matar!

VICENTE – Não tenha medo...

MARIANA – Tenho muito!

VICENTE – A senhora gostava de Maria?

MARIANA – Maria da Conceição era meu anjo bom. Ela foi a pessoa mais importante da minha vida. Se não fosse ela me ajudar, depois do fim da escravidão, não teria conseguido sobreviver. Quem iria querer o trabalho de uma preta velha.

VICENTE – Então a senhora gostava de Maria?

MARIANA – Não! Eu amava Maria. Era a filha que eu não tive. A minha filhinha que está no céu... E que vai cuidar de mim. E de todos nós, pessoas de bem.

VICENTE – Então... Ela precisa do seu testemunho. Ela precisa que a senhora ajude a justiça a ser feita.

MARIANA – Minha menina...

VICENTE – Acalme esse seu coração... Eu aviso para a senhora qualquer coisa que souber. Fique tranquila...

MARIANA – Estarei tranquila, enquanto o monstro estiver atrás das grades...

VICENTE – E qualquer coisa a senhora me procure no quartel. Está bem? Fique bem...
(Ele sai)

MARIANA – Me ajude Maria... Me ajude...

Ela fica sozinha. Luz sobre ela. Todos cantam.

Quando a angústia toma conta do nosso coração
E a dor ganha morada
Olhe para os céus com emoção
E busque uma nova estrada!

Deixe falar mais alto o amor
Nessa sua caminhada
E para onde você for
Deixe a tristeza, não leve nada!

Vá ao encontro do amor maior
Chegue perto da felicidade
Encontre Deus e seu louvor
E fique longe de toda maldade!

Quando terminam a canção fica em cena Maria Bueno e o Sr. Mario.

CENA 9

MARIA – Senhor Mario, que susto! Não vi o senhor aí atrás.

MARIO – Desculpa. Não se assuste comigo. Você está bem?

MARIA – Ah sim... Muito bem! O senhor quer alguma coisa?

MARIO – Nada! Não se preocupe!! Quero apenas conversar.

MARIA – Conversar? Sim.

MARIO – Está gostando de trabalhar aqui em casa?

MARIA – Nossa! Estou muito feliz. Feliz demais. Gosto muito de vocês. De seus filhos!
Me sinto muito bem aqui.

MARIO – Bom saber... Gosta de mim?

MARIA – (Sem graça). Se eu gosto do senhor?

MARIO – Sim!

MARIA – Claro que gosto do senhor! Nossa! Obrigado por perguntar senhor Mario... E o senhor? Está satisfeito com meu trabalho?

MARIO – Muito!

MARIA – São três meses aqui, mas parece que já conheço vocês há anos!

MARIO – É verdade! Me sinto muito bem ao seu lado...

MARIA – (sorriso sem graça)

MARIO – Você não gosta de passear? De sair?

MARIA – Não! Não acho bom uma moça ficar saindo sozinha. O que as pessoas vão pensar. Curitiba é uma cidade grande. É até perigosa.

MARIO – Mas desse jeito... Você não vai arrumar um namorado!

MARIA – Não penso nisso senhor Mario! Quero apenas trabalhar e arrumar minha vida! Um dia quem sabe, possa conhecer alguém, casar, ter filhos, e construir uma família linda como a sua!

MARIO – É verdade! Você é muito especial... (Nesse momento Alice aparece e fica ouvindo tudo escondida) Você é uma moça muito bonita... (Puxa a carteira e conta muito dinheiro) E pode ter tudo o que você quiser!

MARIA – Eu já tenho Senhor Mario! Tenho minha saúde... Trabalho numa casa onde tem amor! E isso é o que me basta!

MARIO – Estou falando de muito mais!

MARIA – Não entendi...

MARIO – Já viu tanto dinheiro assim?

MARIA – Não. Nunca...

MARIO – Você pode ter... Você pode ter muito dinheiro assim.

MARIA – Espero também. Quero trabalhar muito e juntar

MARIO – Mas não precisa trabalhar tanto assim... Pegue. Veja como é bom segurar tanto dinheiro. (Ela pega) Bom né? Dinheiro compra tudo o que a gente precisa!
Eu adoro...

MARIA – (Devolvendo). Mas eu ainda espero conseguir com meu trabalho!

MARIO – (Se aproximando dela).

MARIA – O senhor precisa de alguma coisa?

MARIO – Não percebeu ainda Maria...

MARIA – Não sei do que o senhor está falando.

MARIO – O seu cheiro é tão bom. Gosto de ficar perto de você!

MARIA – Por favor, não faça assim!

MARIO – Você quer! Sinto que você quer!

MARIA – Não quero! Quero trabalhar e viver minha vida em paz.

MARIO – Claro que não. Eu sinto sua respiração ofegante. Esse seu desejo me pertence. Desde que você chegou nessa casa não paro de te desejar Maria. Você é minha amada...

MARIA – Não fale isso senhor Mario. Por favor, dona Alice não merece.

MARIO – Não fale dessa mulher. Uma criatura desprezível... Você é minha.

MARIA – Não! Não sou!

MARIO – Olha a carteira. Você viu quanto dinheiro. Tudo pode ser seu. Pra isso, é só me beijar. Sentir o calor do meu corpo. Deitar comigo! E você terá tanto dinheiro que não saberá aonde gastar. Venha Maria da Conceição! Venha para meus braços! (Tenta agarrá-la. Ela escapa)

MARIA – Me solta...

MARIO – Eu estou mandando!

MARIA – Não! O senhor não manda em mim!

MARIO – Menina! Vocês tá jogando fora tanto dinheiro!

MARIA – Minha dignidade não tem preço!

MARIO – Todas as mulheres tem um preço. Você ainda vai ter o seu!

MARIA – Não me machuque!

MARIO – Deite comigo... Quero fazer você conhecer um homem de verdade!

MARIA – Eu vou gritar!

MARIO – Se você gritar. Eu te mato... Se contar pra alguém o que aconteceu aqui, eu te mato Maria!

MARIA – Me deixa em paz... Por favor.

MARIO – Vou deixa-la! Sua nojenta. Vai se arrepender de não ter deitado comigo. Vai perder todo esse dinheiro sua vadia.

MARIA – (Chorando) Não faça isso comigo Senhor Mario!

MARIO – Você vai se arrepender de ter feito isso comigo! Você vai ver...

Ele sai. Maria cai no chão e chora copiosamente. Alice, que viu tudo, sem ser notada, se aproxima dela.

ALICE – O que aconteceu Maria?

MARIA – Dona Alice, desculpa. Eu tinha que estar limpando! Eu sei. Desculpa!

ALICE – Você está chorando... Aconteceu alguma coisa?

MARIA – Não vou mais chorar. Não se preocupe. Já estou parando e vou continuar meu trabalho! A senhora me perdoe!

ALICE – Mas porque está assim menina?

MARIA – É... Bom, dona Alice... É saudade! Saudade da minha mãe. Da minha família Dos meus irmãos!

ALICE – Não está feliz de estar aqui?

MARIA – Claro que estou! Vocês são como se fossem minha família... Gosto demais de vocês!

ALICE – Gosta mesmo?

MARIA – Vocês são muito bons pra mim...

ALICE – Você que é uma menina especial!

Diniz está na cadeia. Conversa com um prisioneiro.

CENA 10

PRISIONEIRO – Quer dizer então que foi você que matou a moça! Violento você. Foi uma morte cruel! Disseram que você quase arrancou a cabeça da menina... Como foi que você fez? Usou uma faca afiada. Devia estar com muita raiva. O que ela te fez?

DINIZ – O que você tem a ver com isso?

PRISIONEIRO – Eu? Com o que? Ah... Com a covardia que você fez. Matar uma coitada indefesa...

DINIZ – (Fica em silêncio)

PRISIONEIRO – Ah... Conta pra mim. Conta! Ela gritou muito? Você fez sexo com ela morta, covarde!

DINIZ – Cala a boca!

PRISIONEIRO – Nossa! Está nervoso!

DINIZ – Você sabe com quem está falando?

PRISIONEIRO – Sei sim... mas acha o que? Só porque é soldado, acha que não é bandido!

DINIZ – Não sou soldado... Sou Anspeçada!

PRISIONEIRO – E pelo jeito, não vai chegar a cabo!

DINIZ – Você está me provocando...

PRISIONEIRO – Falando a verdade! A verdade dói amigo...

DINIZ – Não sou seu amigo!

PRISIONEIRO – Não mesmo!

DINIZ – Está querendo o quê? Quer apanhar? Morrer?

PRISIONEIRO – Você acha que porque matou uma mulher indefesa, pode sair matando qualquer um?

DINIZ – Acho bom você ficar quieto!

PRISIONEIRO – Não vou ficar quieto! Você é um covarde... O que você fez com aquela mulher!

DINIZ – Era uma vadia! Uma prostituta!

PRISIONEIRO – E por isso você acha que pode matar? Você vai pagar por isso!

DINIZ – Por que está se metendo na minha vida? Você tinha alguma coisa com a Maria? Também saía com ela?

PRISIONEIRO – Não Soldado!

DINIZ – Anspeçada...

PRISIONEIRO – Não saía com a moça! Nem conhecia a mulher... Só que quem mata mulher, não merece perdão! E você vai pagar por isso. Pode esperar... pode esperar!

DINIZ – Eu só não te mato agora, porque quero sair daqui logo! Por isso você vai escapar! Mas assim que eu sair daqui...

PRISIONEIRO – Vai fazer o quê? O mesmo que fez com a moça?

DINIZ – Sim! Vou acabar com você! Vou cortar tua garganta e fazer você sangrar feito um cabrito!

PRISIONEIRO – Isso a gente vai ver!

DELEGADO – Diniz...

DINIZ – Que é delegado? Já posso sair daqui?

PRISIONEIRO – Vai ficar aqui, soldado!

DELEGADO – Diniz, você foi intimado! Você vai a julgamento!

DINIZ – Eu? Julgamento? Mas como assim? Eu sou um oficial...

PRISIONEIRO – Um assassino!

DINIZ – Eu não aceito essa coisa! Quero um advogado!

PRISIONEIRO – Esse cara é um assassino comissário!

DINIZ – Eu vou matar esse sujeito!

DELEGADO – Acho bom você se controlar. Não sei qual dos dois é o pior! Dois assassinos numa cela! Isso pode não terminar bem! Mas Senhor Diniz... Infelizmente sou obrigado a liberá-lo!

DINIZ – Vocês não têm prova contra mim...

DELEGADO – Não é isso. O seu capitão está aqui.

DINIZ – Eu falei que ia sair daqui...

DELEGADO – Você vai sair daqui, mas vai pra outra cela... Você é militar... Vai ficar preso no quartel!

DINIZ – (Rindo) Entendi... Mas lá eu mando delegado! Lá eu mando!

DELEGADO – Isso é que vamos ver!

DINIZ – Vamos sim. (Ri) Estou livre toleirão!

PRISIONEIRO – Não! Você vai pagar soldado!

DINIZ – (Enforcando o prisioneiro) Anspeçada... Entendeu!

DELEGADO – Solte o homem Diniz... Venha!

DINIZ – Eu volto pra te pegar!

DELEGADO – Você vai a julgamento! E eu faço questão que você passe o resto dos seus dias atrás das grades!

DINIZ – Isso é o que vamos ver delegado! Eu vou sair dessa e vou rir muito da sua cara!

DELEGADO – Tudo no seu tempo Anspeçada Diniz! Tudo no seu tempo!

Diniz sai da cadeia. Luz sobre o delegado. Canta com ódio.

Nada no mundo é pior que a injustiça
Será que um dia ficaremos livre dela?
Um mal que nos prende como areia movediça!
Como queria jogá-la no fundo de uma cela!

O poder destrói e corrompe
Como uma doença fatal
A maldade é inerente
Àqueles sem decência moral

Buscar a verdade de maneira incessante
Sem medo de enfrentar
Agir com retidão constante
Lutar e lutar sem pestanejar

Muda a luz. Fica sobre a atriz que viveu Maria Bueno Jovem.

ATRIZ – Maria Bueno ficou um bom tempo na casa do senhor Mario e de Dona Alice. Ela nunca reclamou para a patroa do assédio do marido. Dona Alice, sabia de tudo e por isso, deu mais valor ainda para a menina. Que nunca cedeu ao patrão. Uma linda amizade surgiu entre as duas, apesar de um começo meio tumultuado. O senhor Mario, depois de alguns meses, ficou muito doente e morreu. Os filhos de Dona Alice, se casaram e deixaram a mãe aos cuidados de Maria. Que ficou ao lado dela. Cuidando e protegendo aquela mulher até o fim de sua vida. Maria era carinhosa e atenciosa com ela. Cuidava e a protegia como se fosse sua mãe. A mãe, que a vida tinha tirado dela de maneira tão cruel. Viveram assim, por alguns anos. E uma manhã dona Alice, deu seu último suspiro. Mais uma lição que a vida dava para Maria. A dor da morte voltou a fazer parte da sua trajetória. Triste e novamente sozinha, Maria Bueno busca seu caminho! Sem desanimar um momento sequer.

Casa de Dona Mariana, Maria Bueno, agora com quase 30 anos, chega.

CENA 12

MARIANA – Entra menina!

MARIA – Dá licença... A senhora que é a Dona Mariana? Eu sou Maria da Conceição Bueno. Eu vim por causa do trabalho. Soube que a senhora é lavadeira e está precisando de ajuda! Eu sei lavar e passar. Gostaria de uma chance de trabalhar com a senhora!

MARIANA – Você mora aonde?

MARIA – Moro num quartinho, ali perto da praça do observatório. Não tenho ninguém. Perdi minha mãe. Minhas irmãs e sobrinhos moram no interior.

MARIANA – Porque não vai para o interior com suas irmãs?

MARIA – Não dona Mariana. Um dia eu conto tudo para a senhora. Sofri muito nas mãos delas. Eu prefiro seguir minha vida. Meu caminho é esse. E é nele que eu prefiro estar. As coisas que eu passei, as injustiças que sofri, só me deixaram mais forte para buscar o meu destino! Meu verdadeiro caminho! Eu posso trabalhar aqui? Ajudar a senhora?

MARIANA – Seja bem-vinda Maria.

MARIA – Mesmo? A senhora vai me dar essa chance? Muito obrigado! Eu prometo que jamais vou decepcionar a senhora. Sabe Dona Mariana, eu já passei muita coisa ruim na minha vida! Mas eu sinto que agora só coisas boas vão acontecer comigo. Sonho em construir uma família. Ter um marido bom e compreensivo! Eu sei que Deus deve ter reservado um bom futuro para mim. Ninguém veio ao mundo para sofrer tanto, não é?

MARIANA – Deus sabe o que faz Maria.

MARIA – Eu sei Dona Mariana... E por saber disso que sou resignada e acredito num futuro melhor para mim!

MARIANA – A gente veio ao mundo com nossos destinos traçados!

MARIA – Eu espero que meu destino agora, só me traga alegrias. O que eu passei não desejo nem para meu maior inimigo. Tenho paciência com a vida. Aceito tudo que me for dado. Mas só tem uma coisa, que me faz ficar muito triste! Que me dói e machuca meu coração. A única coisa que não suporto é ver alguém

sofrer. Sinto dentro do peito uma angústia que me corrói quando vejo uma pessoa passar qualquer dificuldade...

MARIANA – Isso só as pessoas de bom coração sentem minha filha!

MARIA – Tão bom alguém me chamar de filha. Há tanto tempo não ouvia isso dona Mariana. Sinto falta da minha mãezinha! Uma saudade tamanha.

MARIANA – Pode trazer suas coisas, você vai morar aqui comigo!

MARIA – Aqui?

MARIANA – Não precisa mais morar num quartinho! Essa será sua casa agora.

MARIA – (Emocionada) Eu? Morar aqui? Meu Deus! Não tenho como agradecer-lá Dona Mariana. Eu sabia que Deus tinha reservado o melhor para mim. Obrigado! (Abraça) Posso começar a trabalhar agora? Tem muita roupa para lavar?

MARIANA – Muita! Eu não estou dando conta! Tem um rapaz, soldado aqui do quartel, o Vicente, é como se fosse meu parente, ele conseguiu que lavasse as roupas de todos os soldados e anspeçadas.

MARIA – Nossa! Então é muito serviço!

MARIANA – Quer desistir?

MARIA – Desistir? De jeito nenhum! Quero trabalhar. A única que eu não tenho medo nessa vida é de trabalho. Desde cedo estive na luta... Desde pequena aprendi a fazer os serviços de casa! Dona Mariana... (Pausa) Não sei como agradecer-lá pelo que está fazendo por mim!

MARIANA – Eu que tenho que agradecer, minha filha. Já estou velha, e não aguento mais tanto serviço! Foi Deus quem mandou você aqui!

MARIA – (As duas se abraçam) Obrigado minha querida! Muito obrigado!

O Delegado parado numa esquina, observa uma moça que se aproxima.

CENA 13

DELEGADO – Boa noite moça!

MOÇA – Boa noite...

DELEGADO – Sozinha essa hora na rua, não é muito bom.

MOÇA – Ah senhor. Não tenho medo! Aliás, não tenho medo de nada!

DELEGADO – Pode ser perigoso! Você não soube da mulher que foi assassinada há alguns meses?

MOÇA – Sei sim senhor! Foi horrível...

DELEGADO – Ela andava por essas ruas, e foi morta!

MOÇA – E ainda não pegaram o bandido?

DELEGADO – Ainda não!

MOÇA – A polícia é muito incompetente né?

DELEGADO – Talvez...

MOÇA – O moço quer ir ali atrás? Por alguns contos podemos nos divertir?

DELEGADO – Ah... Você é uma prostituta?

MOÇA – Sim... Por isso a essa hora, nas esquinas. Ou o senhor achou que eu fosse uma dona de casa?

DELEGADO – Não! Eu sabia que você era prostituta... E foi por isso que eu me aproximei de você!

MOÇA – Então vamos ali... Vai ser muito gostoso! O moço é bonito!

DELEGADO – Moça... (Mostra a carteira) Eu sou policial!

MOÇA – Senhor, por favor, não me prenda... Eu tenho filhos. Preciso do dinheiro... E eu falei brincando: a polícia não é incompetente!

DELEGADO – Eu não vou te prender... Eu só quero fazer algumas perguntas.

MOÇA – Ai meu Deus...

DELEGADO – A senhora conhecia a moça que foi morta? Disseram que ela era prostituta?

MOÇA – Não conhecia. E olha que eu conheço todas as prostitutas da cidade! Afinal Curitiba não é tao grande assim...

DELEGADO – Não conhecia Maria da Conceição Bueno?

MOÇA – Não delegado...

DELEGADO – Está bem. Obrigado!

MOÇA – Mas tem certeza que não quer ir lá atrás?

DELEGADO – Circulando moça... Circulando!

O delegado olha para a mulher que sai. Cresce a música. Maria Bueno pendura umas roupas. Dois oficiais – um deles é Diniz – se aproximam e olham para a mulher.

CENA 14

SOLDADO – É aquela ali!

DINIZ – Ela que lava roupa para gente?

SOLDADO – Ela mesmo! Está morando com a preta velha há alguns dias! Olha como ela é bonita. Acho que é a mulher mais bonita que eu já vi. Eu venho todos os dias olhar para ela...

DINIZ – Muito bonita. Gostei dela...

SOLDADO – Não falei que era bonita?

DINIZ – Realmente, linda!

SOLDADO – Eu ainda não tive coragem de convidá-la para sair... Sei lá, dar uma volta no passeio público... O que você acha?

DINIZ – Acho que não deve convidar!

SOLDADO – Não devo? Mas, porque?

DINIZ – Não convidou e não vai convidar! Porque ela vai ser minha!

SOLDADO – Como assim? Eu estou interessado na moça. Você está brincando não?

DINIZ – Nunca falei tão sério na minha vida!

SOLDADO – Mas Diniz...

DINIZ – Soldado, esquece! Ninguém mandou me mostrar! Ela vai ser minha!

SOLDADO – Eu vi ela primeiro. Estou tentando me aproximar faz tempo!

DINIZ – Você viu por primeiro e eu vou ser o último na vida dela!

SOLDADO – Mas...

DINIZ – Melhor você calar a boca... E sair daqui!

SOLDADO – Sim senhor!

DINIZ – Volta pro quartel... Vai embora soldado, antes que eu perca a cabeça com você...

SOLDADO – Está bem Anspeçada! (Ele sai)

DINIZ – Tarde...

MARIA – (Olhando para Diniz) Tarde!

DINIZ – A moça tem nome?

MARIA – Maria e você?

DINIZ – Ignácio... Minha farda anda muito cheirosa! Muito bem cuidada.

MARIA – Obrigado senhor!

DINIZ – Me chame de Diniz. Prefiro!

MARIA – Está bem... Diniz.

DINIZ – A moça é muito bonita!

MARIA – Gentileza sua, estou toda suada. Lavando e passando nesse calor! É difícil...

DINIZ – Que nada! Você fica linda assim.

MARIA – Nossa! Tantos elogios... Fico até sem graça!

DINIZ – Como não elogiar? Uma moça tão bonita.

MARIA – Obrigada!

DINIZ – É comprometida?

MARIA – (Rindo) Não! Bem que eu queria, mas não sou!

DINIZ – Poderia cortejá-la?

MARIA – Nossa! Mas você é um oficial, eu uma simples lavadeira.

DINIZ – Isso não importa! Não ligo pra isso! Quero apenas uma boa mulher do meu lado!

MARIA – Que honra...

DINIZ – Podemos passear? Tomar um sorvete no passeio público?

MARIA – Nossa! No passeio? Nem tenho roupa para ir lá!

DINIZ – Não me importo com isso! Então? Aceita passar o domingo comigo?

MARIA – Claro, porque não?

DINIZ – Então até domingo, pego você às dez...

Ele sai. Cresce a música, ela canta.

Sonhar um sonho clemente
Que me faça ser feliz
Devolva a minha mente
A paz que eu sempre quis

Sonhar eu ousei
Ousar eu sonhei
Chorar não amei
Por amar eu chorei

Meu coração resoluto
De constante amar
Um azul do infinito
Me faz caminhar

Sonhar para amar
Numa eterna paixão!
Sem medo de ousar
Sentir mansidão!

E a paz que desejo reinará em meu coração!

Começa o julgamento de Diniz.

CENA 15

PROMOTOR – Um crime pavoroso! Feito por um monstro! Que não merece estar solto... Uma pobre moça! Violentada! Agredida! Teve sua vida destruída pelas mãos de uma criatura que não merece perdão!

ADVOGADO – Protesto excelência! O nobre colega está acusando o meu cliente, sem que o mesmo seja condenado!

PROMOTOR – Não excelência! Os fatos são claros... As evidências comprovam acima de tudo que o Senhor Diniz, matou Maria da Conceição Bueno de maneira cruel!

DINIZ – Não é verdade!

PROMOTOR – Gostaria de chamar a minha testemunha... O comissário de polícia responsável pelas investigações... Brasília Correa do Amaral. (O Delegado se aproxima e ocupa seu lugar) O senhor vem fazendo as investigações há quanto tempo?

DELEGADO – Desde que esse brutal crime foi perpetrado...

PROMOTOR – O que o senhor pode falar do crime?

DELEGADO – Além de ter sido bárbaro? Eu nunca vi nada parecido... Foi feito com muita violência!

PROMOTOR – Poderia dizer que foi com ódio?

DELEGADO – Sim. Ela estava cheia de facadas pelo corpo... A cabeça quase foi separada do pescoço. Uma cena pavorosa. Tenho mais de 30 anos na polícia. Foi o pior crime que vi em toda a minha vida! As mãos de Maria Bueno estavam cheias de cortes. Prova incontestável que ela tentou se defender com todas as forças! Com minha experiência em tantos anos na nossa polícia, sei que quando uma mulher é morta com tamanha fúria é um crime de motivação passional...

PROMOTOR – Nas suas investigações? O que pôde descobrir?

DELEGADO – Que o assassino é o Anspeçada Ignácio Diniz...

ADVOGADO – Protesto! Essa opinião do senhor comissário é desprovida de provas!

PROMOTOR – Vou refazer a pergunta excelência... Senhor comissário, com as investigações o senhor conseguiu levantar algum fato relevante?

DELEGADO – Sim! Muitos fatos relevantes senhor promotor! Encontramos uma farda de anspeçada enrolada numa espada. Essa arma estava dentro de um poço, no meio do quartel...

PROMOTOR – Um uniforme, como usado pelo Anspeçada Diniz?

DELEGADO – Sim. E do mesmo tamanho...

PROMOTOR – E a espada tinha sangue?

DELEGADO – Sim... O nosso legista confirmou através de reagentes químicos que era sangue!

ADVOGADO – Isso não prova nada! Nossa eficiente força militar está em batalha contra os federalistas! O sangue pode ser de algum traidor!

PROMOTOR – A minha testemunha está falando...

DINIZ – Juro que a minha espada não pode ter nenhum sinal de sangue! Não a levei comigo...

PROMOTOR – Peço que o réu permaneça em silêncio! Por favor comissário, mas algum fato que queira destacar?

DELEGADO – A Senhora Mariana Silva Pinto, que morava com Maria da Conceição, as duas eram muito próximas, espontaneamente, no choque do primeiro momento ao ver Maria Bueno morta, disse a quem quisesse ouvir: ‘Foi Diniz aquele monstro` ...

ADVOGADO – Isso é uma suposição! A mulher ficou assustada com a cena dantesca!

DINIZ – Essa preta velha é louca!

PROMOTOR – Por favor! Peço ao réu que não se manifeste... Continue Comissário!

DELEGADO – Mas... O mais terrível foi o que encontramos no instituto médico legal. No exame do corpo de Maria da Conceição Bueno, foi encontrada uma tatuagem na virilha da moça...

ADVOGADO – Senhores jurados... Que mulher tem tatuagem a não ser uma prostituta? Uma mulher da vida?

PROMOTOR – Meritíssimo, o colega está interferindo no depoimento de minha testemunha!

DELEGADO – Na virilha da senhorita tinham três letras... I... J... D... Ignácio José Diniz!

ADVOGADO – Protesto! Isso não prova nada! Pode ter sido feito por qualquer pessoa, para incriminar meu cliente!

DINIZ – Jamais faria isso com uma mulher...

PROMOTOR – Continue comissário!

DELEGADO – A tatuagem foi feita de maneira cruel... Feita com uma faca. Não era uma tatuagem como a dos marinheiros. Foi alguém que queria dizer para todos que se aproximassem de Maria Bueno... Essa mulher é minha!

Diniz vai ao encontro de Maria Bueno. Os dois se abraçam. Música suave.

CENA 16

DINIZ – Aonde você estava agora? Estava te esperando há muito tempo Maria!

MARIA – Calma Diniz, eu estou trabalhando! Fui entregar umas roupas. Eu faço isso todos os dias. Dona Mariana não aguenta mais tanto serviço!

DINIZ – Você demorou demais.

MARIA – Era um pouco distante. Para de falar assim comigo! Você sabe que eu não gosto! Fui entregar as roupas e fiquei conversando com a senhora...

DINIZ – Isso é desculpa! Aonde você foi Maria? Você está me enganando?

MARIA – Claro que não. Eu já disse Diniz! Tenho que conversar com as pessoas! Não posso simplesmente jogar a roupa e sair correndo!

DINIZ – E você acha que eu acredito em você!

MARIA – Você está machucando meu braço!

DINIZ – Vou fazer pior.

MARIA – Pára! Você não manda em mim! Eu não gosto que me trate como uma qualquer.

DINIZ – Eu vou falar só uma vez... Não me engane! Senão...

MARIA – Senão o que?

DINIZ – Você vai se arrepender!

MARIA – Você não me vê há três dias e não diz em momento algum que tem saudade! Que sentiu minha falta. Só fica com essa desconfiança absurda! Você acha que uma mulher gosta de ser tratada com essa brutalidade? Que tipo de

mulheres você teve na sua vida? Só prostituta? Eu não isso Diniz. Posso não ter família, mas tenho dignidade!

DINIZ – Que jeito é esse comigo mulher?

MARIA – Você está machucando meu braço! Não gosta de ouvir a verdade? A realidade é cruel para você. (Ele aperta mais o braço dela) Ai... Para! Eu não suporto mais esse seu jeito agressivo!

DINIZ – Para de reclamar Maria.

MARIA – Não faça assim Diniz... Solta meu braço! Eu sou mulher, mas sei me defender! Já passei muita coisa ruim na minha vida, queria que a nossa relação fosse algo que me fizesse feliz! Felicidade... Você não sabe o que é isso! É amargo...

DINIZ – Eu detesto quando você fala assim! Parece uma vadia!

MARIA – Para de me ofender. Você sabe que eu não sou isso. Você sabe que eu não gosto que fale assim comigo. Não é porque você é um oficial que pode me tratar como uma qualquer!

DINIZ – Cala a boca. Você não para de falar mulher louca!

MARIA – Ai... Louco é você!

DINIZ – Maria, só vou avisar mais uma vez: Se te pegar de papo com algum homem, eu acabo com você...

MARIANA – (Entrando) Solta a menina!

DINIZ – Cala a boca velha!

MARIA – Não fala assim com ela Diniz.

DINIZ – Falo sim! E se essa preta velha, se meter mais uma vez comigo eu não me responsabilizo pelo que posso fazer!

MARIANA – Você está machucando Maria!

DINIZ – Estou? E vou machucar ainda mais se a senhora não sair daqui!

MARIA – Pode deixar Dona Mariana... Está tudo bem! Entra por favor!

MARIANA – Isso não vai terminar bem!

DINIZ – Sai daqui velha! E não se mete! (Ela sai)

MARIA – Eu não gosto que fale assim com ela Diniz. Ela é uma senhora, que cuida de mim! Eu exijo que você respeite a dona Mariana e não fale assim com ela! É como se fosse minha mãe, entendeu?

DINIZ – Falo assim com quem eu quiser. Não me interessa se é sua mãe, sua vó... Eu estou te avisando Maria. Anda na linha! Não faça nada que eu não goste. Você pode se arrepender!

MARIA – Eu não gosto dessas ameaças Diniz! Você não pode falar assim comigo!

DINIZ – Posso! Sou seu homem! E mando em você!

MARIA – Não! Não manda! Não mesmo!

DINIZ – (bate nela) Você gritou comigo! Que isso? O que você está pensando que é? Eu não gosto que grite comigo!

MARIA – Vai embora Diniz. Chega! Eu não quero te ver mais... Um ano que você transforma minha vida num inferno!

DINIZ – Você conheceu outra pessoa... E vou descobrir e vou acabar com vocês dois!

MARIA – Eu não tenho medo de você e de suas ameaças. Não mesmo!

DINIZ – Devia ter Maria... Devia ter!

MARIA – Vai embora daqui e não me procure nunca mais!

DINIZ – Você acha que vai ficar livre de mim assim?

MARIA – Eu não quero mais passar por isso! Não faço nada para você me agredir dessa maneira! Esse seu ciúme doentio, acabou com a nossa relação!

DINIZ – (Subitamente calmo) Poxa Mariazinha... (Pausa) Eu amo você!

MARIA – Não! Você não ama! Você só ama você!

DINIZ – Desculpa poxa. Você sabe que eu perco a cabeça fácil...

MARIA – Não quero mais. Sou mulher, não sou um saco de pancada! Chega! Chega Diniz. Vai embora daqui e nunca mais volte...

DINIZ – Você não vai me perdoar?

MARIA – Já te perdoei muitas vezes... Muitas! Não quero mais isso para mim! Vai embora! Segue a sua vida e eu vou seguir a minha! Mulher nenhuma nasceu para passar por momentos como esses nas mãos de qualquer homem.

DINIZ – Você e esses seus pensamentos de puta!

MARIA – Chega! Vai embora...

DINIZ – Você não vai ficar livre de mim!

MARIA – Vou sim! Não quero mais. Sai daqui... Sai daqui Diniz...

Ele sai. Cresce a musica.

CENA 17

MARIANA – Nesse dia Maria terminou com Diniz...

PROMOTOR – E a senhora ouviu todas essas ameaças que ele fez?

MARIANA – Era muito grosso com ela...

PROMOTOR – Dona Mariana, a senhora tem certeza das ameaças de Diniz?

MARIANA – Ouvi tudo sim... Tudinho!

PROMOTOR – Senhores do Júri. Todos aqui, sabem da índole desse anspeçada. Um homem cruel. De comportamento agressivo, e que amedronta a todos! Tanto dentro do quartel, como na sua vida, pelas ruas de Curitiba. O senhor é bastante temido Anspeçada... Senhores, peço que tenham prestado atenção ao que a Dona Mariana nos contou do dia em que Maria terminou sua relação com seu namorado! O anspeçada Ignácio José Diniz, dentro de sua cabeça doentia, achava que era dona de Maria Bueno. E não aceitava o término da relação...

DINIZ – Não matei Maria!

PROMOTOR – A senhora então tem certeza que o assassino de Maria da Conceição é o senhor Diniz...

MARIANA – Sim! Foi esse monstro!

PROMOTOR – Sem mais perguntas mertíssimo!

ADVOGADO – Dona Mariana, a senhora ouviu a discussão do casal nesse dia que eles terminaram a relação de mais de um ano?

MARIANA – Sim...

ADVOGADO – Meu cliente não aceitou que eles terminassem?

MARIANA – Não!

ADVOGADO – Ele amava a Maria. Claro que deve ter ficado nervoso com isso... Normal senhores jurados. Quando brigamos com alguém que nós amamos é absolutamente normal ficarmos tristes!

DINIZ – Eu sofri muito!

ADVOGADO – Meu cliente é um bom homem... Queria constituir família com a moça! Queria casar, ter filhos... Cuidava de Maria desde o primeiro dia que se conheceram!

DINIZ – É verdade! Eu amava Maria Bueno!

ADVOGADO – Peço ao meu cliente que permaneça em silêncio por favor! Senhores, quem aqui não ficou nervoso por achar que estava sendo traído? Enganado! Meu cliente sofria com as traições de Maria Bueno!

MARIANA – É mentira!

ADVOGADO – Mentira são essas suas afirmações Dona Mariana! Me diga! E diga para todos os jurados! A senhora acabou de afirmar que o assassino de Maria Bueno é o meu cliente. O senhor Diniz...

MARIANA – Sim!

ADVOGADO – Eu tenho apenas uma única pergunta para a senhora, e espero que a senhora responda. Uma pergunta clara e objetiva senhores jurados. Dona Mariana, a senhora, viu o senhor Diniz matar a moça? Viu Dona Mariana?

MARIANA – Não!

ADVOGADO – Senhores do júri. Ela não viu. Nem poderia ver... Não foi meu cliente! Ela foi morta por outro. Com certeza por um de seus vários amantes!

Tantas mentiras nos trazem piedade
Provocam e incitam a dor
Aproximam da maldade
Fazendo desconfiar do amor!

Em minha vida tanta inquietude
Me faz sentir o tormento
Buscando a plenitude
Distante do sofrimento

Acreditar num tempo vindouro
Onde ser feliz seja premissa
Num amor duradouro
Repleto de paz e justiça

Quando termina a canção. Maria Bueno encontra-se com Arthur de Lara.

CENA 18

MARIA – Eu estou muito feliz de ter te conhecido Arthur. Esses últimos meses tem sido muito especiais pra mim!

ARTHUR – Que bom Maria! É bom saber disso, porque para mim também.

MARIA – Eu fico emocionada de ouvir isso.... Tantos anos passando dificuldades na minha vida, que ao encontrar alguém como você, parece que o mundo voltou a sorrir para mim!

ARTHUR – Você é uma grande mulher Maria!

MARIA – Nunca tive medo de enfrentar a vida! Sempre sozinha, mas com Deus no meu coração!

ARTHUR – Eu sei... Eu percebi no primeiro dia que te vi!

MARIA – Você se lembra?

ARTHUR – Claro! Você era a mais bonita na missa!

MARIA – Imagina... São seus olhos! Eu ficava envergonhada do jeito que me olhava!

ARTHUR – Minha mãe até me chamou a atenção!

MARIA – Ela percebeu nossa toca de olhares?

ARTHUR – Desde o primeiro momento...

MARIA – Que vergonha!

ARTHUR – Maria, eu queria falar uma coisa para você...

MARIA – O que aconteceu? Nossa! Não me assuste... Por favor! Fiz algo que você não tenha gostado?

ARTHUR – Não! Calma!

MARIA – Ah... Eu já tive tanta desilusão na minha vida! Não sei mais o que pensar!

ARTHUR – Calma Maria... Eu realmente estou muito feliz de estar com você. De ter te conhecido!

MARIA – Eu achei que você nem ia olhar pra mim. Afinal, sua vida é tão diferente. Você tem dinheiro, tem família...

ARTHUR – Eu percebo que você é uma pessoa especial. Iluminada! Seus olhos refletem isso!

MARIA – Você não existe!

ARTHUR – Eu quero te fazer um convite...

MARIA – Um convite?

ARTHUR – Sim. Eu quero que você passe o Natal comigo e minha família...

MARIA – Eu? Com a sua família no Natal?

ARTHUR – Sim...

MARIA – Nossa! Um sonho. Eu nunca passei o natal assim...

ARTHUR – Então? Aceita?

MARIA – Claro! Você tem Dúvida?

ARTHUR – Maria... Você quer casar comigo?

MARIA – (Fica sem palavras)

ARTHUR – Você quer casar comigo?

MARIA – Arthur... Eu te amo... (Se beijam)

ARTHUR – Isso é um sim?

MARIA – Claro! Você ainda tem dúvida?

ARTHUR – Meus pais estão muito felizes com nossa união!

MARIA – E eu a mulher mais feliz do mundo!
ARTHUR – Que bom... O que acha de casarmos em maio?
MARIA – Se quisesse casava agora!
ARTHUR – Quero te ver entrando linda na igreja...
MARIA – Nossa união será abençoada Arthur! Pode ter certeza...
ARTHUR – Vamos ficar noivos na noite de natal!
MARIA – Nossa união será abençoada por Jesus meu amado!

Música de suspense. Entra Diniz. Maria Bueno fica sem graça.

DINIZ – Nossa! Desculpe atrapalhar!
ARTHUR – Sem problema soldado!
MARIA – Anspeçada...
DINIZ – Eu vim trazer umas fardas para a moça lavar... Como é seu nome mesmo?
MARIA – Pode deixar lá atrás...
ARTHUR – O nome dela é Maria da Conceição!
DINIZ – E você quem é?
ARTHUR – Muito prazer oficial, meu nome é Arthur de Lara...
DINIZ – Pelo abraço que vocês estavam dando posso perceber que são namorados?
ARTHUR – (Feliz) Acabei de pedir ela em noivado!
DINIZ – Em noivado? Nossa! Que bacana parabéns Maria da Conceição! Vai casar então?
ARTHUR – Estamos muito felizes.
DINIZ – Ah... Eu posso imaginar tamanha felicidade!
ARTHUR – Ah sim... Nos gostamos muito! Não é Maria?
MARIA – Sim.
DINIZ – Que bom... Eu também amei muito uma mulher...
ARTHUR – Amou? Porque não ama mais? Aconteceu alguma coisa?
DINIZ – Ela morreu...
ARTHUR – Nossa... Meus sentimentos!
DINIZ – Foi muito triste! Mas ela mereceu a morte que teve! Me traiu! Foi terrível o que ela fez...
ARTHUR – Que horrível não é Maria?
MARIA – É... Horrível!
ARTHUR – Mas o senhor está bem agora?
DINIZ – Ah... Sim. Muito bem! Ainda mais depois dessa cena que acabei de ver! Os dois se abraçando! Esse clima de amor no ar... Tudo isso me emociona muito!
ARTHUR – Que bom! Estamos muito felizes.
DINIZ – Não é pra menos! Mas vou deixar vocês à vontade. É Arthur? Seu nome?
ARTHUR – Arthur de Lara!
DINIZ – Muito prazer... Vou deixar as roupas pra você lavar Maria! Passar bem... (Ele sai)
ARTHUR – O que você tem? Esta branca?
MARIA – Nada! Acho que fiquei um pouco tonta. Não me alimentei direito!
ARTHUR – Já falei que não pode ficar sem comer... Venha! A dona Mariana deve ter feito pão! Vamos entrar!

Julgamento.

CENA 19

PROMOTOR – Então a senhora é irmã de Arthur de Lara? Dona Joana?

JOANA – Sim. Joana de Lara...

PROMOTOR – Dona Joana, a senhora conhecia a vítima? Maria da Conceição Bueno.

JOANA – Sim senhor, convivemos por quase um ano. Era minha cunhada! Noiva de meu irmão Arthur...

PROMOTOR – E vocês gostavam de Maria Bueno?

JOANA – Sim... Ela era uma boa moça! Íamos a missa todos juntos. Humilde e trabalhadora. Uma mulher forte e de uma alegria impressionante. Maria tinha um coração imenso. Sempre que podia ajudava aos mais pobres nas obras de caridade da igreja... Meu irmão estava feliz como nunca esteve! Os dois se davam muito bem, eram um lindo casal.

PROMOTOR – Seu irmão estava feliz com a noiva?

JOANA – Muito. Os dois estavam ansiosos pelo casamento. Faziam planos... Queriam ter muitos filhos.

PROMOTOR – Nós tentamos convocar o seu irmão para depor. Não conseguimos. O oficial de justiça tentou achá-lo por diversas vezes. A senhora poderia me dizer onde ele está? Como ele reagiu à morte da noiva? Está sofrendo?

JOANA – Não!

PROMOTOR – Não está sofrendo?

JOANA – Ele não sabe que a noiva morreu... Nós estamos muito preocupados. Temerosos do que pode ter acontecido. Meu irmão está desapareceu...

PROMOTOR – Como assim? Desaparecido?

JOANA – Uns dois dias antes da morte de Maria, meu irmão Arthur não apareceu mais em casa. Achamos que ele estava com a noiva, na casa de Dona Mariana. Meu outro irmão veio atrás dele e conversou com Maria. Ela disse que ele a deixou em casa e foi embora.

PROMOTOR – Vejam senhores jurados! Mais um mistério... O noivo de Maria Bueno desaparece misteriosamente... Ninguém sabe o paradeiro dele... E todos ouviram o Anspeçada Diniz, ameaçar o casal de morte! Por diversas vezes.

ADVOGADO – Protesto... Nem sabemos se esse rapaz está morto! Enquanto não existe corpo, não existe crime! Será que não foi o Sr. Arthur de Lara que matou a mulher? Ele pode ser o assassino de Maria. Ele pode ter matado Maria Bueno por ciúme e desapareceu...

JOANA – Isso é um absurdo! Meu irmão era uma rapaz de boa índole. Amava Maria, confiava e a respeitava...

PROMOTOR – O nobre colega está apavorado! Sabe que esse será mais um crime nas costas de seu cliente. O sr. Arthur de Lara, não tinha razões para cometer tal crime, ao contrário do senhor Ignácio José Diniz!

ADVOGADO – Meritíssimo, o nosso julgamento está indo para outro rumo. Meu cliente não foi nem condenado pela morte dessa tal Maria Bueno e já querem imputar ao pobre homem a possível morte, ou desaparecimento, do Sr. Arthur de Lara, amante da mulher!

JOANA – Eles não eram amantes! Ele eram noivos!

Casa de Dona Mariana. Maria Bueno anda de um lado para outro. Música tensa.

CENA 20

MARIANA – Você está preocupada não é minha filha?

MARIA – Sim Dona Mariana... Arthur não aparece na casa dele há dias! Vinha aqui sempre. Nunca me deixou tanto tempo sem notícias... Estou com uma coisa no peito. Uma angústia que não passa. Um pressentimento muito ruim.

MARIANA – Afasta esses pensamentos...

MARIA – Meu amor nunca se ausentou assim! Nunca ficou tanto tempo longe de mim. Não gosto quando sinto isso que estou sentindo... Não durmo há dias. Essa inquietude em minha alma me faz sofrer dona Mariana. Onde estará Arthur...

MARIANA – Calma!

MARIA – E se ele não voltar? E se tiver acontecido alguma coisa ruim...

MARIANA – O quê?

MARIA – A senhora sabe! Ou pelo menos a senhora pode imaginar. Arthur é um homem bom. Correto. Ele não conseguia ver a maldade a sua volta. Ingênuo demais.

Ouvem-se batidas na porta. Elas se assustam.

MARIA – Quem é? Quem está aí? Será que é Arthur!

MARIANA – A essa hora da noite!

MARIA – Não sei... Pode ser ele! (Batem mais) Quem é?

DINIZ – (Batem mais) Sou eu Maria!

MARIA – Diniz?

MARIANA – Não abra!

DINIZ – Sou eu Maria! Abra essa porta!

MARIA – Não vou abrir! Vai embora daqui Diniz!

DINIZ – Não! Não vou embora! Quero falar com você!

MARIA – Diniz, não temos mais o que conversar! Vai embora daqui!

DINIZ – Eu preciso te ver! Preciso conversar! Olhar nos seus olhos, não faz isso comigo! Eu estou te pedindo.

MARIA – Eu não preciso de você Diniz!

DINIZ – Não diz isso Maria! Fala comigo!

MARIA – Não! Vai embora!

MARIANA – Some daqui traste!

DINIZ – Abra essa porta! Eu estou mandando!

MARIA – Você não manda em mim!

DINIZ – Abre logo essa porta!

MARIA – O Arthur está aqui!

DINIZ – Pára de mentir! Eu sei que ele não está aí... E sei que ele nunca mais vai voltar!

MARIA – Não diz isso!

DINIZ – Digo sim... Abre essa porta! Vem aqui falar comigo...

MARIANA – Minha filha, por favor, não abra!

MARIA – Outra hora a gente conversa. Está tarde. Precisamos dormir. Temos muitas roupas para entregar amanhã!

DINIZ – Eu não vou sair daqui. E vou incomodar a noite toda. Ou você vem por bem ou vem por mal. Você escolhe Maria! Quero e vou falar com você!

MARIA – Ele não vai me deixar em paz...

MARIANA – Não vai lá fora!

MARIA – Por favor, vai embora Diniz!

DINIZ – Não! Já disse! Ou vem por bem ou por mal...

MARIA – E agora Dona Mariana?

DINIZ – Vem logo Maria!

MARIANA – Não vai minha filha!

MARIA – Diniz, nós conversamos amanhã está bem?

DINIZ – Eu quero agora! Ou você vem... Ou eu quebro essa porta!

MARIA – Ele não está brincando...

Julgamento.

CENA 21

ADVOGADO – Anspeçada Diniz, você está sendo acusado da morte da Senhorita Maria da Conceição Bueno... Tudo o que ouvimos aqui, todas as testemunhas apresentadas, querem fazer o júri acreditar, que você, um oficial do nosso exército é um assassino. Anspeçada, o senhor matou Maria Bueno...

DINIZ – Não!

ADVOGADO – Aonde o senhor estava no dia 30 de janeiro de 1893?

DINIZ – No quartel...

ADVOGADO – O senhor não saiu de lá em nenhum momento?

DINIZ – Não!

ADVOGADO – Informação essa comprovada pelos diversos testemunhos dos soldados e oficiais do quartel...

DINIZ – Eu jamais mataria a mulher que amo...

ADVOGADO – Senhores do júri... Estamos diante de um homem bom. Justo! Que serve à nossa pátria! Que defende a nossa república! Que ajudou o Brasil a se livrar da monarquia e de seus tiranos! Um homem que ama esse país... Que defende a todos nós. Como podem acusa-lo de um vil assassinato! Não senhores, o Anspeçada Ignácio José Diniz, não matou essa mulher. Essa mulher de caráter duvidoso! Uma mulher que gostava de festas, que tinha homens como amigos... Que saía à noite pelas ruas de Curitiba. Não senhores! O meu cliente nunca, jamais, em momento algum levantou a mão contra essa mulher! Peço aos jurados que não se deixem levar pelos testemunhos e pelas palavras jogadas ao vento nesse tribunal! Espero que escutem a verdade e se fixem nos fatos! As provas são incontestáveis: DINIZ não matou MARIA BUENO!

PROMOTOR – O senhor está certo que não saiu do quartel...

DINIZ – Sim... Estou...

PROMOTOR – Dona Mariana, disse que o senhor esteve naquela noite fatídica na casa dela. Que quase quebrou a porta, obrigando Maria Bueno a sair de casa!

DINIZ – Isso é mentira! Nunca fiz isso! Sempre tratei essa velha com educação!

PROMOTOR – O senhor está chamando essa pobre mulher de mentirosa?

ADVOGADO – O senhor está chamando meu cliente de mentiroso?

PROMOTOR – Peço ao colega que respeite... O réu está sob meus questionamentos...

DINIZ – Eu posso responder doutor. Todo mundo sabe que essa dona Mariana não presta! Uma preta velha e mal educada! Que explora o nosso quartel. Cobra caro pra lavar as nossas fardas. Uma mulher sem escrúpulos. Mentirosa! Uma grande mentirosa!

PROMOTOR – Reparem senhores do Júri, a agressividade nas palavras desse homem! Um homem que agride uma mulher dessa maneira, com palavras como essa é capaz de tudo! O senhor Diniz, sempre foi violento com Maria Bueno!

DINIZ – Ela me traía!

PROMOTOR – Não senhor! Ouvimos as testemunhas... O senhor é doente senhor Diniz. Esse seu ciúme é anormal!

DINIZ – O senhor está me ofendendo? Sabe com quem está falando?

PROMOTOR – Com um assassino!

ADVOGADO – Protesto! O colega está sendo desagradável e querendo passar por cima da decisão do júri condenando meu cliente antes do veredito final!

PROMOTOR – Senhor Diniz, não compreendemos porque tanta violência com essa mulher. Uma moça que não merecia ter um fim tão trágico! Morta de maneira cruel.

DINIZ – Eu não matei essa mulher!

PROMOTOR – Tem certeza senhor Diniz?

DINIZ – Tenho!

PROMOTOR – O senhor é temido por todos!

DINIZ – Isso é mentira!

PROMOTOR – O senhor sabe que não é...

DINIZ – Mentira!

PROMOTOR – No quartel impera lei do silêncio! Nenhum dos homens teve coragem de falar abertamente!

DINIZ – Eu não matei a mulher!

PROMOTOR – Sua fama é de homem mal. Perverso. Cruel! Senhores do júri... Esse é o perfil de Ignácio José Diniz! Um homem perigoso! É verdade que na Paraíba o senhor tem várias mortes nas suas mãos?

DINIZ – Não!

PROMOTOR – Várias pessoas ouviram o senhor dizer que matou muita gente no sertão! E que veio tentar nova vida aqui no sul...

ADVOGADO – Protesto! O nobre colega está querendo imputar crimes que meu cliente nunca cometeu!

PROMOTOR – Enfim senhores do júri... O destino desse monstro está em suas mãos! Um homem cruel... Um homem que acabou com a vida de uma moça que tinha tudo para ser feliz. Uma mulher que buscava a felicidade a qualquer custo... Um ser humano especial cheia de sonhos, como todos nós e que teve sua vida ceifada sem dó nem piedade por esse homem desprovido de caráter. Espero que pensem em Maria Bueno! Pensem com carinho e com respeito! Espero que pensem nela, como uma moça sofrida, de bom coração... Como alguém da sua família... Cheia de vida. Com um sorriso permanente e aberto no rosto! Não pensem nela como uma mulher de vida fácil, como querem nos fazer acreditar, por ela ter sido livre... Livre pra pensar... Livre pra amar!

Frente da casa de Dona Mariana.

CENA 22

- DINIZ** – Que demora a sair... Você sabe que eu não gosto de ficar esperando!
- MARIA** – (Grossa) O que você quer Diniz?
- DINIZ** – Não fala comigo desse jeito.
- MARIA** – Fala logo!
- DINIZ** – Quero conversar com você... Vamos sair daqui!
- MARIA** – Podemos conversar aqui mesmo! Quero entrar logo! Estou cansada... Diz o que você quer comigo!
- DINIZ** – Não! Venha comigo!
- MARIA** – Não machuque meu braço!
- DINIZ** – Então venha...
- MARIA** – Ai...
- DINIZ** – Dá para você andar? Vamos para longe daqui Maria! Anda! Não quero que essa velha escute nossa conversa!
- MARIA** – Você sabe que eu não gosto que fale assim de Dona Mariana. Você é sempre grosso com ela. É uma senhora e você tem que respeitá-la!
- DINIZ** – Não me enche. Eu não vim para falar dela... Vim para falar de você! Da gente! Entendeu?
- MARIA** – Não temos mais nada para falar! Eu já te disse isso mais de mil vezes Diniz. Tudo o que aconteceu entre nós foi um grande erro! Eu achei que você era uma pessoa e é totalmente diferente. Não é porque sou mulher, não é porque sou sozinha, que sou obrigada a aceitar suas agressividades!
- DINIZ** – Você e esses pensamentos de mulher vulgar!
- MARIA** – Eu não sou vulgar. Não gosto quando fala assim.
- DINIZ** – Olha as coisas que você fala!
- MARIA** – Eu não tenho culpa se as mulheres não pensam. Eu penso!! Eu sonho! Eu desejo! Não sou apenas um brinquedo nas suas mãos!
- DINIZ** – Você só fala bobagem...
- MARIA** – Não é bobagem... Bobagem foi o que vivemos! Você não vai entender. Não vai entender nunca. Aliás, você é igual a maioria dos homens, só entende o que quer! O que nós queremos, para vocês, não tem a menor importância! Sou mulher e sei o que eu quero!
- DINIZ** – Isso não existe! Mulher não tem querer. Mulher tem que obedecer... Você fala muito!
- MARIA** – Está vendo?
- DINIZ** – Estou vendo o quanto você é rebelde!
- MARIA** – Chega homem! Eu não tenho mais nada com você. Estou noiva, Diniz. Noiva. Entenda por favor! Estou feliz com a minha vida! Vai embora... Some da minha vida! Olha para mim... Some da minha vida! Entendeu?
- DINIZ** – Você não sabe o que está falando!
- MARIA** – Eu não quero mais saber de você. Quero alguém que goste de mim! Ele me ama! Cuida de mim. É carinhoso. Estamos felizes! Passamos o natal juntos... A família dele me adora!
- DINIZ** – Você é minha!

MARIA – Você é louco! Eu falo e você não me escuta! Você só escuta o que quer... Não adianta conversarmos mais... Entenda! Encontre seu caminho. Busque uma vida melhor! Quero que você seja feliz.

DINIZ – Não me interessa isso! Felicidade não existe! Felicidade é um prato de comida cheio. Dinheiro. Uma casa e só... Agora cala a sua boca... Quem manda sou eu. Você é minha e acabou essa conversa desagradável. E é bom você não me deixar nervoso! Você vai ficar comigo. Do meu lado...

MARIA – Não sei porque você insiste nisso! Eu já disse... Vou casar.

DINIZ – Não! Você não vai casar com ele... Olha para mim mulher. Eu não estou brincando: você só vai casar comigo... E com mais ninguém! Entendeu?

MARIA – Não quero brigar com você. Tivemos uma relação e eu te respeitei. Respeite agora minha decisão!

DINIZ – Você me respeitou?

MARIA – Te respeitei sim!

DINIZ – Me traindo?

MARIA – Eu não traí você!

DINIZ – Me traiu com esse seu noivo!

MARIA – Eu só conheci o Arthur depois que havíamos terminado!

DINIZ – Você está mentindo!

MARIA – Eu não minto! Você sabe que eu não minto!

DINIZ – Mente sim... E vai pagar por isso!

MARIA – Ai meu braço! Diniz, para com essa violência!

DINIZ – Você não vai casar com ele! Não vai mesmo! Aliás, nem você, nem ninguém, nunca mais vão colocar os olhos naquele sujeito!

MARIA – Porque você está falando isso? (Silêncio) Porque você falou isso? Diniz... Diniz! Fala homem!

DINIZ – Não te interessa...

MARIA – Como que não me interessa? Ele é meu noivo! Você fez alguma coisa para o Arthur?

DINIZ - ...

MARIA – Diniz... Responde! O que você fez com meu noivo seu monstro?

DINIZ – Fica quieta mulher! Tua voz cansa...

MARIA – Eu não vou me calar. Se você matou Arthur, você vai pagar por isso! Vou agora mesmo na polícia. Você vai pra cadeia. Vai pro lugar que você merece ficar!

DINIZ – Eu estou mandando você se calar!

MARIA – Diniz... O que você fez com ele?

DINIZ – Cala a boca!

MARIA – Desgraçado, você matou o meu amor?

DINIZ – O seu amor sou eu! E de mais ninguém!

MARIA – Você é louco! Você matou meu noivo... (Chorando) Meu amado! Porque você fez isso?

DINIZ – Você é minha!

MARIA – Desgraçado! Não sou sua! Nunca vou ser... Você é um assassino! Matou meu amor...

DINIZ – (Bate e ela cai)

MARIA – A dor desse seu soco é menor que a dor de ter perdido o homem que eu amo! Miserável!

DINIZ – Eu vou te matar se você não se calar!

MARIA – Você matou meu noivo?

DINIZ – Cala a boca!

MARIA – Você está me machucando! Você é um monstro!

DINIZ – Chega... Você pediu! (Puxa uma faca) Sabe o que é isso?

MARIA – Para com isso... Me deixa voltar para casa!

DINIZ – Não Maria... Você nunca mais vai voltar... Vai ficar aqui pra sempre!

MARIA – Pelo amor de Deus. Não faça nada comigo! (Grita por socorro)

DINIZ – Não tem por perto... Não adianta gritar Maria!

MARIA – Me solta... Não me mate. Não me mate Diniz!

DINIZ – Solto! Depois que você tiver morta sua cadela!

MARIA – Não faz isso!

DINIZ – Você que não podia ter feito o que fez!

MARIA – Não me machuque...

DINIZ – Se você não pode ser minha, se não pode ser de Ignácio José Diniz... Não pode ser de mais ninguém!

A cena deve ser violenta. Maria está morta.

DINIZ – Morre! Morre! Morre! (Enlouquecido) Agora sim... Você está em paz, meu amor! Te quero tanto. Aceita casar comigo? Aceita Ignácio José Diniz como seu legítimo esposo? Sim... Claro que aceito Maria da Conceição como minha esposa! Minha legítima esposa... Seremos muito felizes. Felizes para sempre! Agora a lua de mel. O amor consumado... (Levanta a saia de Maria e faz amor com ela. Cena forte e tensa) Está gostando Maria? Está doendo? Não! Claro que não... (Grita num orgasmo violento) Pronto... Não é mais virgem... Mas eu te respeitei. Viu? Só fizemos depois do casamento. Depois do casamento você foi minha! Não era isso que você queria? Pronto! Agora a aliança de nosso amor... (Risca as iniciais na virilha de Maria) I... J... D... Agora sim meu amor... Nossa união está selada!

Diniz se levanta e vai embora. Todo o elenco canta o final da música de abertura como um lamento.

O vermelho profundo escorria
Num rio de dor
Uma terrível sangria
Triste e estarrecedor

Morre Maria,
Um espírito iluminado
De amor e esperança
Pobre Maria
Um destino traçado!

Uma mulher – Estela – entra em cena com uma vela. Olha para o corpo de Maria. Cresce a música triste. Entrega a vela para Maria Bueno que a pega e sai de cena. O repórter fala nas caixas acústicas, com a voz em eco.

REPÓRTER – No dia 30 de janeiro de 1893, foi encontrada morta, no prolongamento da rua 15 de novembro, na rua Campos Gerais, o corpo de uma mulher, identificada como Maria da Conceição Bueno. A cabeça da mulher, quase foi arrancada com a tremenda força do golpe.

O PRIMEIRO MILAGRE DE MARIA

CENA 23

ESTELA – Que bom que você veio, estou muito aflita...

AMIGA – O que aconteceu Estela? Vim assim que pude!

ESTELA – Eu vou te contar, até agora não encontro uma explicação para o que se sucedeu.

AMIGA – Não me assuste, diga!

ESTELA – Era madrugada... Estávamos dormindo e fomos acordados por gritos pavorosos! Ouvimos vários gritos de dor, até o silêncio. Dá minha janela não deu para ver nada! Mas era muito perto daqui! Ficamos assustados, com medo. Meu marido pegou a arma e ficou aqui na janela. Quando amanheceu, fui até ali na frente, na rua Campos Gerais! Foi muito triste o que vi, uma cena pavorosa. Aquela mulher morta de maneira brutal. O sangue deixou a terra vermelha. Voltei em casa e levei uma vela para aquela moça. Acendi, depois de uma oração e voltei para casa. No dia seguinte procurei não pensar no que tinha visto e sentido. Apesar do meu filho pequeno perguntar sem parar sobre o que tinha acontecido! Quando a noite caiu, olhei pela janela na direção em que corpo estava caído... E vi!

AMIGA – Viu o que Estela? Não me assuste mulher!

ESTELA – Vi uma luz... Uma luz brilhante aonde o corpo da moça estava morto. Nunca tinha visto nada parecido. Chamei meu marido e corremos até lá!

AMIGA – E o que tinha?

ESTELA – Uma coisa inexplicável... A vela que eu havia acendido, estava do mesmo jeito. Acesa. Com uma luza tão forte que jamais tinha visto! A vela, não acabou.

AMIGA – Como assim?

ESTELA – A vela queimou a noite inteira e não apagou. Não escorreu cera do lado! Nada! Do jeito que coloquei, ficou! E dela saía uma luz forte como nunca vi em toda a minha vida!

AMIGA – Mas será que não é algum produto que foi colocado na vela?

ESTELA – Eu achei que era isso. Voltamos pra casa! Deixei a vela lá queimando! Não tive coragem de mexer. Abrimos as velas que estavam no mesmo pacote que essa. Eu comprei na festa de Nossa Senhora... Acendi todas as velas, uma por uma! Todas derreteram, como todas as velas derretem! Na noite seguinte voltamos ao lugar do crime. E a vela, a vela estava lá acesa! Caí de joelhos e fiz a oração mais forte de toda a minha vida! Peguei a vela, apaguei e a trouxe para casa. Coloquei no oratório...

AMIGA – E...?

ESTELA – Já se passou uma semana e a vela continua acesa...

AMIGA – Estela, essa moça era um anjo! Um anjo sobre a terra!

ESTELA – É o que eu penso... Nunca o significado de uma vela para um morto teve tanto sentido... Iluminar o caminho da morte para a vida eterna!

De tanto chorar o infortúnio
De frente à adversidade
Acreditando que o sonho
Pode ser realidade

Na vida o que vale é a confiança
De ter credulidade
Onde não falte perseverança
Pra buscar felicidade

Uma luz que não se apaga
Nos faz ter esperança
Um coração que se embriaga
Como o amor de uma criança

Continua o julgamento.

CENA 24

DELEGADO – A qualquer momento o júri trará a sua decisão!

MARIANA – Deus fará a justiça!

PROMOTOR – Assim eu espero!

DELEGADO – O Anspeçada é um homem muito mal... Dizem que era conhecido no Nordeste como fera...

PROMOTOR – Se é conhecido como fera, o lugar dele é atrás das grades.

ADVOGADO – (à Diniz) Acho que temos chance de absolve-lo!

DINIZ – Eu não quero ficar atrás das grades. Não vou ser preso! Essa vadia não merece que isso aconteça comigo!

ADVOGADO – Você tem que manter a calma!

DINIZ – Difícil manter a calma com essa injustiça comigo! Não posso ser condenado! Eu não fiz nada! Não matei essa mulher doutor. Jamais faria isso com ninguém!

ADVOGADO – Mesmo que você seja condenado, vou entrar com recurso...

DINIZ – Se for condenado eu fujo, e não me responsabilizo pelo que vou fazer!

ADVOGADO – Fique calmo e não fale nada! Entendeu Diniz?

DINIZ – Eu entendi. Pode deixar!

ADVOGADO – Nada!

ATOR – Senhores já temos o veredito... O júri chegou a uma decisão!

Música de suspense. Todos prestam atenção.

ATOR – Silêncio por favor...

DINIZ – Fala logo!

ADVOGADO – Calma Diniz...

ATOR – Peço silêncio ao réu!

ADVOGADO – Meu cliente não irá mais se manifestar!

ATOR – Por onze votos a um, o Anspeçada Ignácio José Diniz foi considerado...

Música. Num canto do palco Maria Bueno aparece.

CENA 25

MARIA – Um dia eu ousei sonhar. Um dia eu ousei amar. Amar de forma incondicional. Busquei a felicidade, como se busca um copo d'água no deserto. Fui atrás de tudo que me fizesse encontrar a felicidade. Busquei... E como busquei sem medo do que ia encontrar. Os caminhos que a vida nos faz seguir, às vezes nos são tortuosos. Mas no final de cada curva, podemos encontrar a felicidade. A felicidade que nunca conhecemos, mas que sempre sonhamos! Não tenham pena do que vivi... Não tenham pena do que sofri. Sintam, apenas sintam, pelo que não pude viver. Sintam pelo que eu não pude sofrer. Porque a vida vale pelo que é intensamente vivido!

CENA 26

ATOR – Por onze votos a um, o Anspeçada Ignácio José Diniz foi considerado... Inocente!

Cresce a música, até o silêncio.

ATRIZ – A vida de cada um de nós também daria uma peça de teatro. Nossas aventuras, nossos amores, nossas decepções. Contar uma história, que acima tudo, fale de amor e justiça, é sempre uma maneira de ficarmos mais próximos de Deus. Por isso contamos e cantamos a vida de Maria da Conceição Bueno. Uma mulher. Simplesmente, uma mulher. Como nós, mulheres, que amamos, sonhamos... Maria Bueno ousou pensar. Numa época que ousar era um crime. Pagou com a vida por ser mulher. Por pensar como nós pensamos nos nossos dias. Hoje, mais de um século depois de sua morte, sua vida ainda é exemplo para muitos. Desde sua morte, milagres a acompanham. Devotos vão aos milhares ao seu encontro ali no cemitério municipal. Muitos milagres depois, é considerada uma santa pelo povo... E agora, é considerada uma santa por cada um de nós que vivemos essa história. Porque vimos o quanto a vida vale a pena. O quanto vale a pena vive-la cada segundo. Fica apenas uma pergunta: Porque, mesmo tantos milagres depois, a Igreja não reconhece Maria Bueno, como uma santa? Não importa a resposta... Por que nos corações de cada curitibano, mora o amor pela nossa santinha Maria Bueno. A santa de Curitiba.

Música final.

Quando o espírito agitado estiver
Olhe para os céus com fervor
Busque numa estrela qualquer
A verdadeira chama do amor

Ave Maria Bueno
A santinha dos pinheirais
Ave Maria Bueno

Nos salve, os mortais!

Em cada canto do infinito
Com ternura e devoção
Num bem querer irrestrito
De credulidade e adoração

Ave Maria Bueno
A santinha dos pinheirais
Ave Maria Bueno
Nos salve, os mortais!

Nós que na vida sofremos
Ajude-nos santinha amada
Com fervor oremos
Para sempre exaltada

Salve, salve Maria Santinha Bueno

FIM

CTBA, 11/06/15 – 15:37